

ENSAIO

A escola no tempo do Google



(Este artigo foi publicado no jornal O POVO – página TENDÊNCIAS / ENSAIO, em 04 de janeiro de 2014)

O ano de 2015 será para compensar o comprometido 2014. Afinal, em janeiro tá todo mundo na praia. Março tem carnaval e fevereiro é um mês curto (e pré-carnaval). Abril tem Semana Santa e Tiradentes. Maio é a preparação para a copa em junho. Ninguém é de ferro, então julho é pra descansar. Agosto e setembro têm horário eleitoral gratuito (e divertido) para as eleições em outubro, com um possível segundo turno em novembro. Dezembro temos que nos preparar para o ano que vai nascer, com direito ao show do RC (o da Globo e o do aterro).

E nada melhor do que começar a compensar 2014 pela educação. Que tal uma nova escola, diferente da atual, mais moderna, que aproveite melhor tanto o momento tecnológico do século 21 quanto as novas exigências dos jovens de hoje?

Para desenhar a proposta de um modelo educacional para uma nova escola em 2015, no tempo do Google, selecionamos alguns fatos e pressupostos:

1. A EDUCAÇÃO SOCIAL

Voltávamos do réveillon em Canoa no inevitável e previsto engarrafamento. Ficamos maravilhados com a tranquilidade dos motoristas no caminho de volta ao lar doce lar, ao ponto de considerarmos um fato isolado o primeiro “espertinho” que nos ultrapassou pelo (proibido) acostamento. Quando a contagem da Luísa chegou a 183 “espertinhos” ela nos perguntou ironicamente, com razão, se o fato isolado ainda merecia esta classificação.

Tentamos convencê-la de que estes “espertinhos” são os mesmos que ocupam indevidamente a vaga do carro do deficiente, tratam o garçom como quem tange jumento, mal falam com o porteiro do prédio, acham que o grande lance da vida “é levar vantagem em tudo” (o que ficou famoso nos anos 70 como Lei do Gerson), e etceteras (que a lista é enorme).

2. A EDUCAÇÃO CIDADÃ

Uma escola que é o reflexo da sociedade não serve a ela! Uma escola deve estar à frente da sociedade em todos os aspectos da natureza humana. Escola é para transformar a sociedade!

A escola deve ser também formadora do cidadão. Para tanto ela precisa que ser cidadã. Ela precisa ter estratégias que levem o aluno a questionar a informação que lhe chega e fazer bem suas escolhas. Em tempo de Google e celular farto à mão, informação é o que não falta.

Mais importante, uma escola cidadã deve envolver o jovem em atividade/atitude que o toque naquilo que lhe é mais forte: sua autoestima. Da mesma forma que um aluno precisa aprender na teoria e na prática fundamentos das disciplinas técnicas e propedêuticas para melhor exercer sua futura profissão, ele também precisa compreender na teoria e na prática a cidadania.

A velha máxima de Rousseau de que “o homem é produto do meio”, ou o ditado do Vô Reimundo de que “educação é como andar de bicicleta, tem que praticar pra aprender bem”, reforçam a importância da prática em qualquer atividade humana. Vale também pra cidadania.

A TEORIA DA CIDADANIA

Ana Miranda em seu excelente artigo “Leitura: prazer e hábito” (O POVO, 29/dez/2013) outorga com maestria de artista/escritora um dos caminhos da cidadania, o da leitura: “... a leitura, além de ser um prazer de alguns, precisa ser hábito de todos. É uma questão de sobrevivência. Para viver numa sociedade letrada, é preciso dominar a linguagem, a fala, a comunicação. Para aprender, é preciso saber ler. ... E para aprender a ler, é simples: basta ler muito e sempre. A leitura ensina a ler.”

A PRÁTICA DA CIDADANIA

A prática da cidadania é indispensável na escola que se quer cidadã. Tivemos uma experiência extraordinária em 2003. À época, instituímos o "Projeto Social" como uma disciplina curricular nas grades dos cursos de nível superior do Instituto Federal do Ceará (IFCE). Esta disciplina consistia na execução de diversos projetos sociais pelos alunos de todas as turmas do IFCE.

Ao final da disciplina, cada grupo de alunos apresentava os resultados dos projetos supervisionados pelo IFCE, mas planejados e executados por eles. Estes projetos variavam desde ações tradicionais como alfabetização de adultos, leitura para idosos, profissionalização de jovens na periferia à projetos mais originais como a BILA (uma hora de leitura dava direito a uma hora de acesso à Internet). Esta disciplina foi inspirada em um fantástico diálogo do filme Corrente do Bem (<http://www.youtube.com/watch?v=NUtlhJlgKTw>) que ocorre entre o professor (Kevin Spacey) e o aluno (Joel Osment, o mesmo garoto do filme Sexto Sentido)

BONS RESULTADOS

Mostramos este filme em todas as 54 salas do IFCE, nos 3 turnos, antes de iniciarmos o projeto, com o objetivo de sensibilizar os alunos para a filosofia do projeto: o jovem é capaz de mudar o mundo (como o diálogo do professor com o aluno propõe no filme).

Foi, sem dúvida, uma das maiores experiências pedagógicas que já vivenciamos. Lembro-me bem da emoção de todos na apresentação dos resultados, tanto dos alunos executores das atividades que eles propuseram na disciplina Projeto Social, quanto dos beneficiados com os projetos. Na verdade, o nosso aluno era o grande beneficiado nesta oficina de cidadania.

Imagine, agora, os quase 200.000 alunos de nível superior do Ceará cursando esta disciplina. Teríamos em 2015, certamente, menos lixo jogado na rua, menos “boyzinhos” ocupando o lugar do deficiente, menos “espertinhos” ultrapassando pelo acostamento.

3. A EDUCAÇÃO INTERATIVA:

Tem aquela piada, que não é piada, da placa em um bar: “Desligue seu celular. Aqui é permitido conversar!”. Ou ainda, restaurantes oferecendo descontos para quem desligar o celular. Pois é! O fato é que é raro vermos hoje um agrupamento social sem que seus participantes não estejam usando celular... e o mais estranho, enquanto falam entre si!!!

O que tem a ver este fenômeno comportamental com a educação de nossos jovens? Colocando de lado a discussão desta “ameaça” à socialização das pessoas, seria um erro desconhecer que o celular faz parte daquilo que um marciano com um olhar médico-pedagógico definiria como um membro constituinte da anatomia do aluno terráqueo.

É preciso, portanto, compreender que houve uma quebra flagrante de paradigma em relação a disponibilidade da informação, antes confinada aos mestres e seus livros. Ela, a informação, está hoje “nas pontas dos dedos” do jovem, ao alcance de qualquer tablet, smartphone ou até mesmo dos celulares “pebas”.

Esta quebra de paradigma tem levado alunos no tempo do Google a novas posturas comportamentais. É raro encontrar um jovem hoje que aguente calado (e satisfeito) uma aula professoral do século 19. Aquela “carinha de anjo atento” muitas vezes abriga uma “mente perdida no espaço”, doida para dedilhar nos “Facebooks e WhatsApp” da vida eletrônica; pode ter certeza.

UMA ESCOLA INTERATIVA

Em resumo, em tempos de Google e Facebook o “professor já era” se ele for apenas um repetidor de informações. Ele precisa ser um professor diferente ... sei lá... “animador”, decidido a fazer de seus alunos seres pensante em vez de decoradores de fórmulas e cálculos que se esvaem com o tempo e não dizem a que servem (alguém lembra de uma fórmula que não seja H₂O e CO₂?).

A proposta da Escola Interativa é, portanto, fazer do jovem um ator pleno do seu processo educativo. Assim, o primeiro e único mantra da Escola Interativa seria: o aluno não veio à aula ouvir informação. Ele veio discutir a informação, questionar a informação, entender a informação.

Não é o professor que precisa ensinar, é o aluno que precisa aprender; diria, provavelmente, o nosso ilustre educador cearense Lauro de Oliveira Lima.

Compete, portanto, ao “professor animador” selecionar, sugerir temas, mas, principalmente, animar o aluno na busca dialética do conhecimento que alimente o seu sonho.

Um exemplo do “professor animador” é o nosso querido Prof. Aluísio de Castro e Silva, da antiga ETFCE. Com ele aprendemos a pensar (ciência), a criar (tecnologia), a resolver (inovação). Nos anos 70, o nosso Prof. Aluísio conhecia seus alunos pelo nome e encorajava-os em seus sonhos, característica basilar de uma escola interativa. Aprendemos mais do que eletricidade com este nosso professor que animava nossos projetos de vida. Aprendemos que poderíamos melhorar o mundo como propõe a Escola Social, Cidadã e Interativa.

AS CINCO LINGUAGENS FUNDAMENTAIS

Lembro-me bem da Escola Normal da diretora Adísia Sá, A Dama das Letras (O POVO, em 05/out/2010), e do Liceu do Diretor Boanerges Saboia. Naquele tempo o ensino médio era dividido em Normal e Científico. Dentro do ramo científico, havia tendências em se fortalecer disciplinas voltadas para as áreas de saúde, ciência exatas, da terra, etc.

O mundo da Internet e da globalização quebraram paradigmas comportamentais e profissionais criando novas exigências que devem ser observadas na formação de um jovem.

Como disse Ana Miranda, dominar linguagens é uma questão de sobrevivência. Assim, cinco linguagens nos parecem fundamentais para qualquer profissional que se pretender competitivo neste mundo capitalista e globalizado.

São as seguintes, as cinco linguagens que alicerçariam a Escola Social, Cidadã e Interativa:

- Matemática (aritmética e lógica): a lógica, presente também nas linguagens abaixo, é essencial para qualquer atividade profissional.
- Português (literatura e redação): ainda, Ana Miranda: “para viver numa sociedade letrada, é preciso dominar a linguagem, a fala, a comunicação”.
- Inglês (leitura e conversação): a globalização não deixa outra alternativa..., antes dos chineses dominarem o mundo. Sem o inglês até a própria Internet é subutilizada.
- Informática (operação e lógica): utilizar eficientemente recursos computacionais clássicos disponíveis é pré-requisito para qualquer atividade profissional.
- Música (flauta e violão): Pitágoras, que descobriu as sete notas musicais, percebeu que a música obedece leis de harmonia matemática. Música, arte, filosofia ...

A recém-criada Universidade Federal do Sul da Bahia foi mais ousada: instituiu a disciplina de programação de computadores em todos os seus cursos. O Pró-reitor de ensino, Prof Raimundo Macedo, justificou que a prática de programação leva necessariamente ao desenvolvimento do raciocínio lógico, o que é fundamental para o desempenho profissional de qualquer área.

4. EDUCAÇÃO SOCIAL, CIDADÃ e INTERATIVA

A escola precisa mudar e colocar o jovem e seu sonho cada vez mais como o cerne do processo educacional. É o que se propõe numa escola que ser social e cidadã, e que não pode deixar de ser interativa em tempos do Google.

Qualquer aluno que tenha a oportunidade de dominar as cinco linguagens acima numa Escola Social, Cidadã e Interativa (onde o “porquê” das coisas do “professor animador” substitui a “decoreba” do “professor papagaio”) terá mais oportunidades de enfrentar os desafios profissionais que, em geral, não são os mesmos estudados nos livros nem nas salas de aula.

É bizarro ver em pleno século 21, cursos de pós-graduação com metodologias que insistem em modelos arcaicos de ensino, em uma época que a informação não está mais confinada a livros. É de se colocar na ordem do dia a releitura do clássico de Humberto Eco, “O Nome da Rosa”, onde o conhecimento era um privilégio do clero.

Esta escola Social, Cidadã e Interativa só existirá com o “professor animador”, decidido a fazer de seu aluno um ser crítico; um aluno que não veio à aula para ouvir informação, mas para discuti-la, questioná-la, entendê-la. Um aluno capaz, ele mesmo, de buscar o conhecimento.

Assim, uma **Escola Social, Cidadã e Interativa** deverá ter como prioridade o sonho do jovem!

O sonho do jovem é como pólvora: pode mofar, pode explodir, mas, se bem cuidado, pode ser o estopim de sua plenitude.

Afinal, “a vida é a travessia de um rio; não vale a pena atravessá-la no porão do navio”!

Mauro Oliveira & Cesar Moura
Professores do IFCE